



# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.  
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

## A Peregrinação de Janeiro, 13 ≡

# “DEUS o quere!”

A vaga de frio que, durante a primeira quinzena de Janeiro findo, assolou a Europa e, especialmente, a nossa Península, invadiu também a Serra de Aire e fez-se sentir com bastante intensidade no planalto da Fátima.

Na Cova da Iria, caiu neve com abundância, como não acontecia há mais de cinquenta anos.

Dentro das casas, o termómetro chegou a descer a três graus positivos, facto que não havia memória de se ter verificado, desde que se construiu o primeiro edifício na Cova da Iria, há cerca de vinte e cinco anos.

O rigor da estação fazia prever que a peregrinação do dia 13 se-

ria menos numerosa que qual-quer outra do ciclo do inverno.

No entanto, o corpo da Basílica, onde se efectuaram os actos religiosos oficiais, estava regularmente *composto*, à hora de maior concorrência de fiéis.

Depois da recitação do terço do Rosário na capela das aparições, feita em comum e presidida pelo rev.º Cônego dr. Manuel Marques dos Santos, Vigário Geral de Leiria, realizou-se a primeira procissão com a Imagem de Nossa Senhora da Fátima, exposta à veneração pública naquela capela e que foi conduzida aos ombros dos Servitas até junto do altar-mor provisório da Basílica.

Nesse altar, celebrou a Missa dos doentes o rev.º P.º Joaquim Carreira de Faria, coadjutor da freguesia de Santa Catarina da Serra. Fez a homília do costume, após a leitura do Evangelho, o rev.º Cônego dr. Avelino Gonçalves que, com o rev. dr. Abel Varzim, esteve durante a semana a fazer um curso de conferên-

cias sobre a Acção Católica aos sacerdotes assistentes Diocesanos e locais dos seus diferentes organismos na diocese de Leiria.

Houve grande número de comu-nhões.

O celebrante deu as duas bênçãos eucarísticas, a individual aos doentes inscritos que eram apenas 13 e a geral à multidão dos fiéis.

Proferiu as invocações habituais o rev.º Cônego Manuel Marques dos Santos que também leu a fórmula da consagração ao Imaculado Coração de Maria feita por Sua Santidade o Papa Pio XII.

Enquanto desfilava a procissão com a imagem de Nossa Senhora para a capela cantou-se o «Adeus».

O frio, apesar de intenso, como nos dias anteriores, mesmo às primeiras horas da tarde, não arrefeceu de modo nenhum a devoção das almas e dos corações a Nossa Senhora da Fátima...

VISCONDE DE MONTELO



FATIMA — A Imagem de Nossa Senhora com o colar da Torre e Espada ganho em batalha e oferecido por um oficial do exército português

Os cavaleiros cristãos da Idade Média ouviram, corações em alvoroço, o misterioso grito, de um homem iluminado, «Deus o quere»; e envergando as suas armas, deixaram as pátrias, os seus torrões natais, os entes queridos, e partiram em demanda da libertação do sepulcro glorioso de Jesus. Eram almas amovadas do Divino, nessa época de esplendor da Fé!

Piedosos «Cruzados da Fátima», também a vós vos é dirigido esse grito de reconquista, neste momento histórico do mundo em que soa a revivência do espírito de Cruzado, no dizer de um ilustre escritor português, poderá salvar-nos e concorrer para ajudarmos a salvar a humanidade transviada e convulsa (Dr. João Ameal).

Não é já o sepulcro material de Cristo, Nosso Senhor, que os novos «Cruzados» devem trabalhar por libertar da profanação dos juléis; trata-se sim da reconquista, mediante a providencial Acção Católica, de tantos sepulcros onde Jesus não ressuscitou ainda, de tantas almas em que a seiva da graça não corre e que esperam o vosso esforço, o vosso sacrifício, a fim de saírem do torpor da incredulidade, da indiferença, da morte, para uma vida de fé e de amor.

Sim, Deus o quere! É o grito que partiu da montanha santa da Fátima onde a nova «Cruzada» teve inspiração e início.

Pedem-vos sacrifícios? Mas quem é que não quere ouvir a voz maternal da Mãe de Deus, na sua visita a terra Portuguesa?

É este o momento de se tirar a prova real do nosso verdadeiro amor a Nossa Senhora. Se recusamos o sacrifício que a nobre *cruzada nos pede*, é porque a nossa devoção à Mãe de Deus não passa afinal de um piegas sentimentalismo que de nada vale.

«Quem se obriga a amar, obriga-se a sofrer», diz o ditado. Não existe amor onde o sacrifício falta.

Queridos «Cruzados da Fátima» não haja um só que onse desertar do grande exército da reconquista cristã de Portugal.

C. de A.

### Exercícios Espirituais para homens

No Santuário da Fátima realizam-se de 10 a 14 de Fevereiro exercícios espirituais para homens e rapazes.

Ficam por este meio convidados a tomar parte nesses exercícios todos os Senhores Servitas e os Vicentinos.

Podem tomar parte também quaisquer outros homens e rapazes.

Recebe as inscrições o Rev.º Sr. Reitor do Santuário da Fátima

Cova da Iria

## ACÇÃO CATÓLICA UNIDADE

A caridade é a fonte mais pura e mais poderosa da unidade.

Com efeito, por ela unem-se estreitamente os homens no mesmo pensamento divino, num recíproco afecto de salvação, em redentora acção de apostolado. Membros do corpo místico, cuja cabeça é o Senhor Jesus, como êle têm de perdoar e de amar.

Se algumas ou muitas vezes os homens não se entendem, e até duramente se aborrecem e se odeiam, é porque a sua caridade não passa de fatal ilusão, porventura mesmo de refalsada hipocrisia. Haverá então que rever cuidadosamente o estado da própria alma, para cortar com energia tudo aquilo que fere a caridade.

Pela paz da nossa consciência e pela fecundidade da nossa acção — da qual depende em grande parte a conversão dos nossos irmãos — temos de abandonar particularismos perturbadores, que prejudicam e irritam, para fazer a vontade do Pai que está nos céus, e que se nos manifesta todos os dias pelas ordens e conselhos dos nossos superiores.

Esta atitude pode custar penosos e dolorosos sacrifícios, mas só assim se consegue a unidade de que devem os cristãos dar provas decididas, em toda a sua vida.

Em teoria, todos reconhecem a necessidade de nos unirmos pelo pensamento e pela acção, pois ninguém contesta a verdade do princípio que afirma ser a união quem faz a força. Todavia, na prática não é raro vermos apenas o nosso pequeno mundo, desconhecendo por isso o bem geral. Há poucos dias, um Prelado ilustre, aludindo a um sacrifício grande que fizera em favor de diocese estranha, acrescentou que lhe ficara a alma contente por sacrificar-se, visto ser católica, isto é, universal, a Igreja.

Afinal a diocese estranha é também diocese própria, pois o reino de Deus não tem limites.

Nem sempre haverá esta visão rasgada e sobrenatural. Das abstenções, e divergências, e competições, e talvez dissídios.

Como observou o Senhor, costumam os adversários ser mais prudentes e generosos que os filhos da luz. Quando se trata de defender o ideal que professam ou de atacar a Igreja, que consideram inimigo número 1, audaz e sacrificadamente se unem numa acção inteligente e organizada. Com perseverança e tenacidade, põem em relêvo o valor dos seus elementos, e por êles fazem tudo o que, está ao seu alcance.

Os cristãos, com frequência, êsses supõem já cumprir integralmente o seu dever quando, isolados na sua acanhada vida particular, não dão graves escândalos. Os outros que sigam o seu caminho, como êles fazem.

Na impressionante oração sacerdotal da Ceia, rezou fervorosamente o Senhor pelos discípulos, para que vivessem na unidade profunda e íntima que a fé supõe.

São palavras de vida as palavras de Jesus.

A traição a sua missão o associado da Acção Católica que não as viver intensamente.

Quem, violando a unidade que se lhe pede, preferir a sua acção pessoal à acção da Igreja, não é digno do nome de católico.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

# A DEVOÇÃO AO PAPA

Nos próximos dias 2 e 12 de Março festeja-se em todo o mundo católico o aniversário da eleição e coroação do Santo Padre o Papa Pio XII actualmente reinante.

Não só nas missas se diz pelo Papa uma oração especial como ainda se pede a todos os fiéis que orem fervorosamente pela conservação da sua vida e saúde e para que Deus lhe conceda as graças e bênçãos de que mais precisa.

E ocasião propícia para nos afeverarmos na devoção ao Papa, ao amor ao Vigário de Cristo. Não se trata de canonizar em vida um homem; trata-se de render ao representante de Deus, ao Chefe visível da Igreja a homenagem de respeito, amor e veneração de que é merecedor.

Onde está Cristo está a Igreja e a Igreja é uma antiga máxima cristã e nós podemos juntar onde está Pedro ou o Papa aí está a Igreja. Pode bem ajuizar-se do fervor de vida cristã duma pessoa pelo seu amor ao Papa.

Os santos foram sempre muito dedicados ao Sumo Pontífice.

As Aparições da Fátima marcam o reforçamento desta devoção tão católica.

Entre os outros sentimentos emerge e impressiona nos videntes o seu entranhado amor ao Papa.

Mais do que nunca é preciso nesta hora tormentosa que entre o Pastor e as ovelhas haja a mais íntima união.

Que nada nos separe do Papa nem deixe arrefecer nas nossas almas o propósito firme de obediência pronta às suas ordens e de docil acatamento à sua orientação.

Quem obedece acerta sempre e muito melhor quem obedece ao Papa.

A melhor maneira de lhe darmos alegria e consolação é seguirmos em tudo as suas ordens e satisfazermos até os seus mais pequenos desejos.

E que multidão de coisas!

Ele é a questão social, ele é a Acção Católica, ele é a boa imprensa, as missões, a rádio, o cinema, as modas, a catequese, a nova ordem social.

Acêra de tudo o Papa falou, acêra de tudo isto precisamos de conhecer e seguir a voz do Papa.

Procuramos ainda, além das nossas orações enviar-lhe também as nossas esmolas para as obras que o Papa subsidia ou sustenta a fim de aliviar a imensa miséria de tantos pobres necessitados.

A caridade do Papa, depende sob o ponto de vista material, dos auxílios que lhe enviarmos.

Saibamos ser generosos!

Amá-lo, seguir-lhe a voz e os ensinamentos defender a sua doutrina e as suas ordens e conselhos onde quer que nos encontremos, sermos os primeiros pelo exemplo e pela palavra no que diz respeito ao Santo Padre tal é a nossa obrigação de católicos e Portugueses.

## Império das meias

Av. Almirante Reis, 173-D — LISBOA

A primeira casa do país em meias e peúgas!

Envia pelo correio para a PROVINCIA e ILHAS, os s/saldos exclusivos DE MEIAS BARATAS!

Meias seda, muito finas, saldo	7890
Meias seda gase, finíssimas	11950
Meias algodão c/ bom reforço	2820
Meias escória, fortes 7850 e	1950
Meias linho, muito	9950
Meias seda, tipo natural, tons	21950
distintos 24950 e	21950
Contem V. Ex.ª na escolha dos	
n/artigos.	

Atendamos todos os pedidos c/ a maior atenção.

# Movimento Religioso no Santuário de N.ª S.ª da Fátima, em 1944

Casamentos, 80.  
Baptizados, 11.

## Retiros espirituais e Cursos de Formação

- No Carnaval — Servitas (homens) videntinos e outros.
- Na Semana Santa — 80 médicos, engenheiros, advogados e rapazes da J. E. C.
- Abril 20/26 — Raparigas da J. U. C. F.
- Abril 27 a 1 de Maio — Dirigentes da JCF de Leiria.
- Maio 17 a 26 — Venerando Episcopo Português.
- Julho 12/16 — Congresso Mariológico Hispano-Português com a presença de Sua Ex.ª Rev.ª e Srs. Bispos de Leiria e Gurza, D. Casimiro Morcillo, bispo auxiliar de Madrid e 30 teólogos espanhóis e 12 portugueses.
- Julho 17 — Clero da diocese de Leiria.
- Julho 24 — Clero das dioceses de Évora e Beja.
- Agosto 4 — Terceiras Franciscanas.
- 8 — Dirigentes da JC de Leiria.
- 17 — Curso Catequístico para senhoras de Beja.
- 20 — Cursos Gerais para dirigentes da JUCF de Lisboa, Porto e Coimbra.
- 26 — 1.º turno para o clero de Portalegre.
- Setembro 5 — 2.º turno para o clero de Portalegre.
- 20 — Propagandistas Missionárias.
- 25 — Cursos Gerais de Dirigentes da JCF — XII Reunião Plenária do Conselho Nacional e Cursos de formação para dirigentes da JCF.
- Outubro 18 — Curso Catequístico para Senhores de Évora.
- Novembro 13 — Retiro das Servitas (Senhoras).

## Peregrinações isoladas (Fora dos dias 13)

- Março 25/26 — Raparigas da J. U. C. F.
- Abril 28 — Noelistas de Lisboa
- Maio 2 — Filhas de Maria do Corpo Santo, de Lisboa.
- 17 — Liga de Acção Católica Feminina de Lisboa
- 17 — Freguesia de S.ª Catarina da Serra.
- 21 — 42 pessoas de Vigo (Espanha).

- Maio 22 — Alunas do Colégio de Nossa Senhora da Fátima, de Abrantes.
- 27 — Alunas do Curso do Sagrado Coração de Jesus, da Estrêla, Lisboa.
- Junho 22 — 40 pessoas de Tuy (Espanha).
- Julho 5 — Peregrinos de Vila Chã de Ourique.
- 9 — Colónia Inglesa em Portugal.
- 10 — 250 Senhoras diplomadas da LUCF e Centro Social.
- 17 — Colónia Belga em Portugal.
- 20/22 — Peregrinos das dioceses de Segóvia e Madrid. Presidiu Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. D. Luciano Perez Platero, bispo de Segóvia.
- 24/25 — Juventude Operária Católica Feminina
- Agosto 5 — Congregação das Servitas de Maria.
- Setembro 4 — Componentes do I Curso de dirigentes dos Centros Primários da M. P. F.
- 12/13 — 200 peregrinos de Madrid, Barcelona, Salamanca e Valência, sob a presidência de D. Francisco Barbado, Bispo de Salamanca.
- Outubro 20 — Marias dos Sacramentos Calvários de Espanha.

## Peregrinos notáveis

- Junho — Sua Alteza Real o Príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança, pretendente ao trono do Brasil. Sua Excelência o Senhor Embaixador do Brasil em Portugal, Dr. João Neves da Pontoura e Ex.ª Espósa.
- Agosto — Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Juan Manuel González, arcebispo de Popayan (Colômbia).
- Novembro — Sua Excelência o Senhor Embaixador de Portugal junto da Santa Sé, Dr. António de Faria Carneiro Pacheco e Ex.ª Espósa e Filho.

No Santuário todos os dias se celebra a missa, pelo Rev. Reitor, havendo muitas outras principalmente em ocasião de retiros espirituais do clero. As comunhões em dias normais são em média de 30 por dia. Porém nos dias de peregrinação sobem de 20.000 a 30.000.

# Voltando ao redil

A Acção Católica traz-nos grandes encargos e responsabilidades, — a par de muitas consolações e da honra que constitui para um leigo — e uma delas é, certamente, a do cumprimento do dever pascal daqueles que, ao nosso lado, se dizem cristãos e são-no de facto pelo baptismo, mas abandonaram toda a prática religiosa.

Cristão algum verdadeiro poderá ver, sem que um impulso da sua fé o leve a tentar salvá-lo, irmãos seus, remidos no mesmo Sangue Preciosíssimo de Jesus, afastados por completo do caminho da salvação e da comunhão dos tesouros imensos de graça da Santa Igreja. Que diremos então de um dirigente, de um simples filiado da Acção Católica!

Chegado este tempo santo de penitência, o seu coração deve encher-se de compaixão e de zelo e, primeiro que tudo, terá a oração de ser a sua grande arma na conquista desta e daquela ovelhinha do Senhor, que anda desgarrada e não quer ou não sabe aproximar-se do redil.

Depois a penitência, o sacrifício, que são o caminho que vence, por vezes, os mais duros corações — o Senhor o disse há certas espécies de demónios que não se vencem senão com o jejum e a penitência.

Mas penitência, mas sacrifício, bem feitos que sejam verdadeira imolação da vontade e não substituição de um desejo próprio por outro, mais ou menos veemente.

E, por fim, a acção. Por fim, não quero dizer que se deixe de resto ou que se esqueça esta parte. Ela é a essência da vida dum militante e da Acção Católica. Mas acção que não seja preparada pela oração, que não seja fortalecida pela penitência, torna-se por vezes ineficaz e, em certos casos, até prejudicial.

E necessária, por isso, aquêlo que actua uma prudência muito grande na sua acção não vá dar-se o caso de que leve à comunhão e à confissão almas pouco preparadas e pouco sabendo o que vão fazer, sujeitando-as a que vão fazer confissões incompletas ou mal intencionadas e comunhões frias sem verdadeiro conhecimento do acto augusto e da Pessoa Divina que vão albergar em suas pobres moradas.

## N.ª S.ª da Fátima em Sevilla

Duma carta do Sr. Dr. Pequito Rebêlo que, graças a Deus, se salvou de uma grave queda de avião:

Em Dezembro tive o gosto de ir a Sevilla e ver a Imagem muito linda no seu altar com uma aura de grandes milagres. Contam-se 4: uma senhora com paralisia reumática que pôde ajoelhar-se ao Credo na missa da inauguração, outra de que se eclipsou um tumor na véspera da operação que devia fazer, uma pequena com duplo desprendimento da retina que o Dr. Arruga se recusou a operar dizendo que só um milagre a podia salvar, e um pequeno de 2 anos, com uma diptéria com complicação cardíaca dado já como morto e a quem a mãe pôs debaixo do travesseiro um retrato da imagem e voltou a si e sem saber que a foto lá estava meteu a mão debaixo do travesseiro, a tirou e disse para a mãe: Esta me curou; e depois afirmou que a virgem lhe tinha aparecido; e perguntado se era a do retrato (busto) disse que não, porque a que viu, tinha pés e pisava «unas flores verdes sin las estropear» (Ele nunca viu a Imagem na Igreja). Conta todas estas coisas o dominico Fr. Angel Peinador, Convento de S. Jacinto, Triana, Sevilla.

Quando precise de um jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades».

# J. C. F. Campanha «Prece, Voto e Acção de Graças»

Não deve ser novidade já para muitos dos nossos leitores, o significado desta campanha, lançada pela J. C. F. ao entusiasmo e boa vontade das raparigas católicas portuguesas.

Com o seu amor entranhado a SS.ª Virgem, certas e confiantes de que só no seu amorável e Inaculado Coração encontrará o mundo alívio e socorro para todos os seus males, dirigem uma forte campanha de orações — «Prece» — ao céu, para que depressa termine tanto morticínio e a pobre humanidade possa, na paz e em tranquilidade, entregar-se à penitência de tantos e tão desviados erros que por tanto tempo preconizou e a tanto a arrastaram.

Simultaneamente formulam o seu «Voto», no qual querem entusiasmar todos, grandes e pequenos, novos e velhos, cidadãos e aldeões: — se Portugal chegar ao fim da guerra inócuamente de tão terrível flagelo — facto tão miraculoso que só a uma especial e não merecida protecção de Maria, poderemos atribuir — numa noite escolhida e previamente indicada, todas as cidades vilas e aldeias, com todas as Igrejas, Capelas ou Capelas, edifícios monumentais e pequenas moradias, públicos e particulares, caminhos e cristas de montes, iluminação, transformando Portugal num fecho-de-luz acesa, brasileiro imenso que mostrará à Virgem o preto filial e o amor devotado da pequena Pátria que sempre se orgulhou de ser «Terra de Santa Maria».

Será, ao mesmo tempo, a sua «Acção de Graças».

Graças à Senhora que obterá a paz e a concordia entre os povos; graças, sobretudo, pela protecção especialíssima que nos tem dispensado, pelo milagre inculcável de uma vida serena e tranqüila em meio de um mundo que parece subverter-se em lutas e em ódios.

Raparigas católicas portuguesas! Mãos à obra! Corações ao alto em prece sentida e continua para a obtenção da paz no Mundo!

E preparemos desde já, começando pela nossa própria casa, a iluminação que faremos no dia bendito da Acção de Graças de Portugal à Padroeira.

Tudo a postos! E que nada falte para que a homenagem seja digna da Criatura Excela a quem se destina!



## SALDOS DE SUCESSO!! Todos Aproveitam! A maior Organização de venda de Meias e Peúgas!!

Meias gase, 2.ª, finíssimas	9580
Meias seda finas, de 1.ª	10880
Seda gase, muito finas	12850
Seda fina, «Duchesse»	15880
Seda e linho, boa duração	17850
Meias linho, bom artigo	12850
Meias algodão, lote reclamo	5830
Meias algodão, bom artigo	5830
Meias escola, bom artigo	7850
Peúgas fantasia c/ seda	6550

Armações Populares da PRINCESA DAS MEIAS  
Rua do Crucifixo, 75, 1.ª Lisboa  
(Próximo da Igreja N.ª S.ª da Vitória)  
Panos ramiados p. mezinhas ... 9880  
Jogos 5 rappers p. bordar ... 8850  
Cozinas seda adamascadas ... 12880  
Camisas br.ª c/ ajour cor ... 9880  
Combinadoes b.ª c/ ajour cor ... 14880  
Lenços opalete cor, salto ... 1880  
Véus br.ª arredondados p. Igreja ... 17850  
Cachecóis setim fantasia ... 7850  
Provincia e Ilhas, enviamos Amostras Grátis e tudo a contra-reembolso!

CURE as suas feridas, herpes, empiema e eczema com

## UNGÜENTO DE VILAR

Preço da Caixa 5500  
A venda em todas as Farmácias  
DEPÓSITO GERAL:  
Farmácia Figueiredo — COIMBRA

SE SOFRE do estômago, fígado e intestinos tome com regularidade, CHÁ BOM GUIA N.º 2 o chá medicinal que debela azias, má digestão gasea, prisão de ventre e as consequentes dores de cabeça.  
A venda em todas as farmácias do País  
Aos preços de 5900, 9900, 17950  
Depositário:  
Farmácia Silva Carvalho  
Rua dos Fanqueiros, 126

## SALDOS!! Para Beneficência De meias, malhas e roupa

3 lotes meias seda gase muito finas 10900 9900 e ...	7890
Meias seda tipo natural 19880 e	16950
Meias algodão c/ reforço 2850 e	2820
Meias escória, fortes 8850 e ...	5880
Meias linho fino 11950 e ...	9950
Peúgas de algodão forte 2880 e	2870
Peúgas fantasia, fina 4950 e ...	3950
Blusas georgete estampado, lindos desenhos, c/mangas, liquidam-se por ...	50900
Camisas, bom zefir 19950 e ...	17950
Cuecas bom zefir 8970 e ...	8900
Fazendas lá para sala e casaco metro ...	18950
Camisas malha forte brancas	27850
Camisolas p.ª hom. s/manga	10900
Casacos malha lá várias cores 7500 e ...	59950
Camisolinhas malha fantasia p.ª menina e menino 24950 e ...	22950
e muitos outros saldos	
Liquidação de sedas e outros tecidos.	

PROVINCIA e ILHAS, enviamos amostras e tudo pelo Correto Armazéns de

## A Competidora das meias

R. Arco Marquês do Alegrete, 39-1. LISBOA

## Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário de Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas, assinadas pelo escultor JOÃO DA SILVA

Este número foi visado pela Censura

# GRAÇAS DE N.ª SENHORA DA FÁTIMA

# ■ Maria da Fátima ■

## AVISO IMPORTANTE

**Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.**

**De contrário não serão publicados.**

## NO CONTINENTE

**D. Maria da Silva Areosa,** Barcelos, havia 10 anos que sofria de uma grave doença, adiante descrita no atestado clínico, impedindo-a de ganhar o seu pão. Foi-lhe declarado que a sua enfermidade não tinha cura e que deveria sempre comer de dieta. Cheia de tristeza ante tal declaração, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, prometendo-lhe ir à Cova da Iria e fazer-lhe uma novena de Comunhões e outra de terços.

A sua súplica foi ouvida. Segue a declaração clínica:

«Domingos Barbosa Jardim, licenciado em Medicina e Cirurgia pela Universidade do Porto e clínico em Vila-Seca, Barcelos. Atesto sob minha palavra de honra que Maria das Eiras Areosa, filha de José da Silva Areosa e de Ana Joaquina das Eiras, natural de Vila-Seca, sofreu durante bastantes anos de uma afecção gastro-hepática (úlceras e colestite) e cujos medicamentos indicados não deram o resultado desejado; e actualmente não apresenta sintomas que revelem essa afecção. E por ser verdade e ser o médico assistente durante bastantes anos, passo o presente atestado que assino Vila-Seca, 4 de Maio de 1942. Domingos Barbosa Jardim.»

**D. Matilde Domingues,** Ancora, em consequência da picadela de uma espinha de sarilinha num dedo da mão direita, sobreveio-lhe uma grave infecção que se estendeu a todo o braço. Examinada pelo médico, foi primeiramente operada do dedo, mas examinada de novo este apresentava indícios de gangrena, pois que para mais a doente sofria de diabetes. Tratava-se, pois, de um caso gravíssimo segundo o próprio médico o declarou à família e esta por sua vez o fez saber à enferma; recorreu esta a Nossa Senhora da Fátima, só confiando no seu valimento junto de Deus, prometendo que se obtivesse a sua cura, se confessaria, iria à Comunhão, daria uma esmola de harmonia com as suas posses e faria publicar na «Voz da Fátima» a notícia para maior glória da Mãe de Deus. Efectivamente Nossa Senhora ouviu a sua prece, e já são decorridos cinco anos e a enferma que estava as portas da morte, encontra-se curada e sem quaisquer vestígios da sua doença.

**D. Maria Aveilina Lopes,** Porto, escreve: «Fui em 13 de Agosto a N.ª Senhora da Fátima agradecer uma grande graça que recebi. Meu marido foi acometido de um ataque cerebral e tal era o seu estado que o médico assistente o abandonou, por verificar que a ciência nada podia já fazer e poucos dias, portanto, lhe restavam de vida. Aflição recorri, cheia de fé a Nossa Senhora da Fátima e passadas horas, o doente encontrava-se bem, a ponto de estar a trabalhar já há bastante tempo. Fui, como disse, a Nossa Senhora da Fátima agradecer tão milagrosa cura».

**Joaquim Bento Monteiro,** S. Miguel-de-Fontoura, escreve: «Tendo recebido tantas graças de Nossa Senhora da Fátima, venho por este meio agradecer mais a seguinte: Estando uma minha filha muito doente já há meses, deixei-a no leito e fui em regressão à Fátima, no dia 11 de Junho de 1939; ao sair de casa disse à enferma que no dia 13, ao meio dia, com muita fé, pedisse a Nossa Senhora a sua cura e que eu à mesma hora estaria na Cova da Iria fazendo a mesma súplica aos pés de Nossa Senhora da Fátima. Assim

aconteceu, e a minha filha rapidamente sentiu consideráveis melhoras, ficando quasi boa. Mil louvores à Mãe do Céu, sempre propícia aos rogos de seus filhos.

**D. Rosa Ribeiro Soares de Castro,** Vergada-Feira, diz que a sua sobrinha Orlanda Soares Rosa esteve extremamente mal com uma bronco-pneumonia e sarampo epidémico. Bastante aflição a família recorreu a Nossa Senhora da Fátima, fizeram uma novena, e no dia 13 desse mês e ano mandaram rezar uma missa em honra de Nossa Senhora pela saúde da pequenina. Nesse mesmo dia, à noite, o médico a achou melhor, melhoras que se foram acentuando até à cura completa. Cheia de reconhecimento vem tornar pública esta graça para maior glória de Nossa Senhora da Fátima.

**D. Júlia Moura e Costa,** Sertão, vendo-se bastante apouquentada com uma doença que os medicamentos não conseguiam debelar, começou, com muita fé, uma novena de comunhões, bebendo água da Fátima em seguida rezando três vezes a Ave-Maria, prometendo tornar pública a graça. Vem com o maior reconhecimento agradecer a Nossa Senhora da Fátima a grande graça que lhe fez, pois ao terceiro dia da novena encontrou-se completamente curada.

**D. Margarida Pereira de Sousa,** Crestuma, Gaia, sentindo grandes dores na espinha dorsal, ao cabo de oito meses de atroz sofrimento, conseguiu, de Nossa Senhora da Fátima, a graça da sua cura. Cheia de reconhecimento, vem cumprir a sua promessa, publicando esta graça.

## NOS AÇORES

**D. Maria de Jesus Morais,** Ponta Delgada, diz que tendo sido um seu filho atacado repentinamente de loucura, recorreu, cheia de fé, a Nossa Senhora da Fátima. Pouco tempo decorrido pôde ver o seu filho curado completamente. Já passaram quatro anos e não mais tornou a ter qualquer vestígio daquela terrível doença.

**D. Adelina da Costa Nunes,** Faial, escreve: «A minha filha Maria do Carmo, aos três anos de idade, no mês de março, foi atacada de coqueluche e de uma bronquite que a ia vitimando. Na noite de 1 para 2 de Abril, havendo três dias que a criança se encontrava com febre a 40º, as unhas tornaram-se-lhe roxas, a respiração tão difícil que parecia succumbir. Num gemido constante tinha a nos meus braços, e todas as pessoas que a viram disseram-me depois que estavam convencidas de que ela não passava a noite.

Alta noite piorou ainda, julgando-a a expirar, deitei-a nos braços do pai, e lançando-me de joelhos, pedi a Nossa Senhora, pelas suas sete dores e principalmente pela que sofreu vendo Jesus agonizante, que restituísse a saúde à minha filhinha. Fui buscar água da Fátima, dei-lhe uma colherzinha dela, prometi publicar a graça e conagar a minha filha à Virgem Maria, sua Madrinhã e Protectora. Pedi mais que, para eu ter a certeza do milagre, o médico, no dia seguinte, me dissesse, de um modo decisivo, que a menina já estava melhor.

Apenas a criança tomou a água da Fátima adormeceu e parecia respirar melhor. De manhã, continuava prostradíssima, mas já muito menos aflição. Chegou o médico que depois de a auscultar me disse: «Mas ela está melhor!» As melhoras foram-se acentuando rapidamente em poucos dias a criança encheu-se de vida, tornou-se ainda mais esportiva do que era dantes e a tosse cedeu logo.

A Virgem da Fátima deve a minha filha a vida, a saúde e a alegria com que nos enche o lar».

## Agradecem a Nossa Senhora da Fátima as graças recebidas

**D. Maria José de Carvalho,** Covilhã.  
**D. Maria José Ferreira da Silva,** Lisboa.

**D. Maria Vieira Diniz Moura do Régo,** Terceira.

**João Borges Neto,** Alcolgulle.

**D. Maria Paulo Menano Maia,** Fornos-de-Algodres.

**Uma anónima do Alandroal.**

**D. Maria Sousa de Mendonça de Olegabal,** Granja.

**D. Celestina Assis Teixeira Carcer,** Funchal.

**D. Olinda X.,** Lamego.

**Manuel Teixeira Gomes,** Mondim-de-Basto.

**Custódio Alves, Adalfe,** Aronca.

**D. Cecília Borges Simões,** Terceira.

**D. Maria Ernestina Rodrigues,** Horta, Faial.

**D. Maria da Conceição Rafael,** Alcaias.

**D. Luísa da Silveira,** Açores.

**D. Maria do Céu Nunes,** Flores.

**António Furtado Pedro,** Flores.

**D. Custódia Pereira Magalhães,** Galveias.

**D. Gertrudes Matos Rosa,** Alter-do-Chão.

**D. Maria La Saletta Andrade e Sousa,** Angra.

**D. Maria Madalena P. Dias Ferreira,** Sertão.

**D. Elvira C. da Silva e Sousa,** Vouzela.

**D. Encarnação Gomes,** Seta Nova.

**D. Maria Ferreira,** Arada, Ovar.

**José Joaquim Coutinho,** Vila-Pouca-de-Aguiar.

**Albano de Freitas,** Golães, Fafe.

**Alvaro A. Borges,**

**D. Delfina Guedes de Carvalho,** Cabeceiras-de-Basto.

**Tomás de Aquino Rodrigues,** Paredes, Douro.

**D. Maria da Anunciação,** Porto.

**D. Ernestina da Conceição,** Porto.

**D. Alda R. da Carvalho e Cruz,** Porto.

**D. Maria José da Silva,** Costa da Caparica.

**D. Maria Rosa,** Sant'Iago.

**D. Daisy G. Rodrigues,** Funchal.

**João Ferreira Teso,** Aveiro, Vagos.

**Joaquim Moreira,** Vila-Nova de Gaia.

**D. Camila Cardoso,** Régua.

**João Pereira de Brito,** Barcelos.

**António Cândido Duarte,** Ferreiros.

**D. Maria Madalena de Jesus,** Pedrido.

**D. Maria Rosa Moreira,** Pedrido.

**Angelo Pereira Alva,** Porto.

**D. Prudenciana dos Santos,** Santa Maria.

**D. Alice dos Santos Pedrosa,** Lages.

**D. Ludovina Pereira de Brito,** Nevogilde.

**Américo Cabral,** Figueiró de Amaranthe.

**D. Esmeraldina Barbosa,** Rio de Janeiro.

**D. Leticia Barbosa,** Rio de Janeiro.

**D. Angélica Gihauz do Vale,** Erme-sinde.

**Manuel Joaquim Fernandes,** Vila-Boa.

**D. Olga Maria da Silva,** Portimão.

**D. Luísa da Conceição Pires Neto,** Alvitto.

**D. Maria de Glória Dias,** Faial.

**Hermínio Anibal dos Santos,** Gaia.

**D. Rosa Gonçalves da Silva,** Vila-do-Conde.

**D. Joaquina de Azevedo Machado,** Póvoa-de-Varzim.

**D. Maria Luísa de Albuquerque Machado,** Abrantes.

**D. Inês Silva,** Trofa.

**D. Maria Rosa,** Porto.

**D. Maria Emilia Vidal de Oliveira,** Porto.

**D. Adília Marçal d'Oliveira,** Carapinheira-do-Campo.

**D. Maria de Almeida Santos,** Juncal.

**António Luis da Rocha,** Vagos.

**D. Palmira Nogueira Silva Garcia,** Braço-de-Prata.

**D. Maria Gonçalves da Costa,** Nine.

**D. L. M. Colaço,** Castro-Verde, Beja.

**D. Maria Gonçalves Cerqueira,** Mozeira.

**D. Maria da Conceição Lopes,** F. do Zêzere.

**D. Balbina Mendes da Silva,** Pevidem.

**D. Maria C. P. de Jesus.**

**D. Berta Prado Lemos,** Beja.

Estava repleto o templo e as luzes, as flores, os cânticos com que se celebravam os louvores à Imaculada extasiavam muitos corações e deslumbravam muitos olhos, quanto mais os das duas pequenitas que a custo tinham abrido passagem e conseguido instalar-se assás comodamente no degrau de um confessionário, no recanto mais sombrio da igreja.

A mais velha teria uns nove anos — ou dez pouco desenvolvidos — a mais novinha, uma bolita de carne confortavelmente e até airosamente enroupada, uns três aproximadamente. A desigualdade do tipo e do traje e, talvez mais, o cuidado com que a mais crescida ia guiando a pequenina, que sollicitamente levava pela mão, ou passando-lhe o braço em torno dos ombros, despertavam habitualmente a atenção daqueles que as cruzavam na rua e, à entrada do templo, uma senhora não pudera deixar de se deter e de perguntar:

— Não é tua irmã, pois não?  
— Não, senhora. É filha da minha patroa.  
— Pois tu já estás a servir?  
— Sim, senhora. Estou lá em casa desde que a menina nasceu.  
— Como te chamam?  
— Maria da Fátima... Nossa Senhora é minha madrinha.  
— Que lindo nome e que boa madrinha... Adeus!

E lá tinham ido todas três na onda que se espalhava na nave, ainda nessa altura semi-obscura e silenciosa.

Do seu canto, a Maria da Fátima e a miudita iam seguindo as cerimónias de olhos arregalados, e era talvez com um sentimento de inocente orgulho que a primeira contemplava a Imagem da Virgem da Fátima, no seu altar florido e refulgente.

Sim, ninguém tinha uma madrinha melhor, ninguém tinha um nome mais lindo que o dela, mas tudo isso não obstava a que a sua curta existência fosse de contínuo sacrificio, quasi martírio. Mal alimentada, ultimamente sobretudo, em que se lhe manifestara um fastio de morte, com trabalho superior às suas débeis forças, apresentava as faces cavadas, ora lívidas ora tingidas por um vermelho mais alarmante ainda.

Havia já um ano que a filhita da patroa andava e andava bem, mas aqueles bracitos tão cansados, tão moidos de a trazerem e acalentarem durante um período ainda mais longo, eram agora incessantemente ocupados em lavar roupa, em acarretar lenha, em varrer e limpar a casa e até em preparar a comida, enquanto a patroa aviava os fregueses na loja de fazendas e terragens, a primeira, da vila. Os únicos momentos de alegria, que não de repouso da Maria da Fátima, eram os que passava entretenido a sua Lili ou, melhor ainda, quando se esgueirava, com ela sempre, até à igreja que ficava muito próximo.

Sim... estava cansada... tão cansada!... Todos os dias morria gente — e, para ela, morrer era simplesmente ir gozar para o Céu. Morriam novos, morriam velhos, morriam crianças... porque não havia ela de morrer também em breve... Porque não havia a Madrinha de vir já buscá-la?...

Morrer, era deixar a sua Lili a quem queria tanto. Mas no Céu havia muitos Anjinhos a quem ela havia de amar ainda mais que à Lili... Doíam-lhe tanto o peito!... Devia estar muito doente...

Ao terceiro mistério do terço, a Lili deitara-lhe a cabecita nos joelhos e adormecera profundamente. Talvez também a sonhar com o Céu e os Anjinhos que o povoam...

Maternalmente, a Maria da Fátima aconchegou-lhe o corpiço que descantara um pouco do degrau e, como fizesse um certo esforço, não só pelo peso da gorducha mas pela posição em que estava e o cuidado em não querer fazer ruído, teve uma sufocação, abriu a boca num espasmo e uma golfada de sangue jorrou sobre a cabeça da Lili, que se ficou na mesma tranquilidade.

Um sentimento de horror apoderou-se então do coraçãozinho da pequena mártir. Não o horror da hemoptise, cujo perigo ela não sabia avaliar, menos ainda o da morte, pela qual tantas vezes suspirava; mas o de ver a

touca da Lili toda suja, estragada, que iria dizer a mãe?...

E sentindo que o sangue lhe vinha outra vez à boca, torceu-se para que ele não tornasse a cair sobre a criança e foi como se tudo-lá por dentro lhe estalasse...

A cabeça pendeu-lhe, o corpiço enrodilhou-se-lhe, à excepção das pernas sustidas pelo peso da pequerrucha, e a pobre Maria da Fátima para aí se ficou desmaiada, semi-morta...

... — Por onde andará aquela «cabrita» a estas horas com a criança?

Não era má de todo a proprietária da «Loja Nova» mas, como tantas pessoas de que o mundo está cheio, não sabia senão olhar para si e para o que directamente a interessava. Tinha tirado a Maria da Fátima de uma miserável família de oito filhos, dava-lhe de comer e de vestir, fazia, a seu ver, uma obra de caridade. Se a pequena nunca se queixava, para que havia ela de se preocupar com saber se estava magra ou gorda, se comia ou não comia, se o trabalho era muito, ou demasiado?

— Talvez ainda não salssem da igreja... — ponderou o marido que, empregado nos Caminhos de Ferro, quasi só parava em casa para dormir e acabava precisamente de ceiar.

— Quall! retorquiu ela com certo azedume. Há-de haver um bom quarto de hora...

Cortou-lhe a frase um grande alarido que se levantou na rua e do qual se distinguiu uma voz:

— É a da sr.ª Maria da Loja!... É a da sr.ª Maria da Loja!...

Mais morta que viva, a lojista que-dou-se no meio da casa sem poder dar um passo, enquanto o marido se erguia, mas parecendo também falto de coragem para avançar. Nem era preciso. Pela porta dentro, de roldão, entrava um grupo de vizinhos e conhecidos, trazendo à frente a Lili toda manchada de sangue...

Ao terror da visão seguiu-se o espanto e logo o regozijo: a Lili estava sã e escorregia, mexia e gesticulava, e na sua «linguagem de trapos», que só a mãe entendia, procurava fazer compreender que a Maria da Fátima tinha ficado na igreja a dormir e que era preciso irem buscá-la depressa...

Então o povo len recuou e precipitou-se rua abaixo para o templo que o sacristão, que não dera por nada de anormal já estava a fechar placidamente.

Tendo resvalado do degrau do confessionário para o chão, o corpiço da Maria da Fátima jazia inerte. Dormia, sim, mas o sono da Eternidade!

No dia seguinte, à hora do enterro, enquanto a Lili em altos gritos chamava pela sua amiguinha — a sua mãe pequenina — a sr.ª Maria da Loja Nova, sentia pela primeira vez, a propósito do triste caso, um rebate de consciência... Mas era demasiado tardio.

M. de F.

## TIRAGEM DA «VOZ DA FÁTIMA»

MES DE JANEIRO

Algarve	9.442
Angra	21.579
Aveiro	9.490
Beja	6.036
Braga	82.209
Bragança	13.672
Coimbra	16.436
Évora	4.999
Funchal	14.266
Guarda	18.200
Leiria	14.701
Lamego	11.702
Lisboa	15.942
Portalegre	14.282
Porto	53.579
Vila Real	25.617
Viseu	11.045
	343.197
Estrangeiro	3.922
Diversos	11.141
	358.260

CRÓNICA FINANCEIRA PALAVRAS MANSAS

RECORDANDO

As dificuldades e embaraços que a guerra trouxe às comunicações internacionais têm como natural consequência não termos notícias sobre muitos sucessos importantes que se passam por esse mundo fora. A quasi tóda a gente passou despercebida uma campanha que insistentemente foi feita aqui há tempos na Inglaterra e na América, para que os governos destas nações armassem as populações civis dos países ocupados do ocidente e sul da Europa. Tal campanha foi persistente e viva, porque os governos daquelas duas grandes nações se não mostravam afeiçoados à ideia de entregar armamento moderno sem saber a quem, nem mesmo para quê.

Claro que os propagandistas falavam em armar os patriotas para a revolta contra os alemães e foi esse o cavalo de batalha com que haviam de conquistar a opinião pública, sempre ingénua e simplista. Os governos, mais experientes e bem informados, esses mostravam-se desconfiados e renitentes à entrega das armas e só cederam quando a corrente da opinião se tornou muito forte. E o que se passou depois?

Simplesmente isto. Logo que os alemães retiraram forçados pelos exércitos aliados e que os governos legalmente constituídos assumiram o poder, foram dadas ordens à população civil para entrega das armas. A gente de bem, os homens de ordem cumpriram imediatamente e ficaram desarmados. Os desordeiros e os mal intencionados recusaram-se a entregá-las e puseram-se em revolta aberta contra os respectivos governos. Assim sucedeu na Bélgica, na Grécia e parece que em algumas partes da França, onde não chegaram ainda as tropas aliadas.

A Itália, essa como foi sendo ocupada pelas tropas aliadas à medida que os alemães recuavam, o problema não se pôs com nitidez. Na Iugoslávia parece que são os modestos governos, de modo que o problema põe-se de outra maneira.

É evidente que a tal campanha feita na Inglaterra e nos Estados-Unidos tinha em vista chegar a es-

te resultado: armar as esquerdas e desarmar as direitas, o centro e os sem partido, que foi justamente o que sucedeu na Bélgica e que podia ter sucedido em todos os outros povos de onde foram obrigados a retirar os exércitos alemães.

O fim que se tinha em vista é manifesto — dar o poder à esquerda e extrema esquerda. Ora a extrema esquerda é o comunismo e a simples esquerda é a porta aberta ao comunismo. Conseqüentemente, o que a tal campanha tinha em vista era nem mais nem menos que a instauração do comunismo nos países ocupados da Europa ocidental e depois nos não ocupados.

O caso não tinha sido mal pensado, lá isso não, mas os outros também não são tolos, nem estão de olhos fechados. As autoridades aliadas perceberam logo a manobra e viram que o que se tinha em vista era simplesmente entregar à Rússia os cordelinhos da Europa. Quere dizer, a tal campanha feita nos Estados-Unidos e na Inglaterra, com tanta força e insistência que conseguiu apaixonar a opinião pública dessas duas grandes nações, o que tinha em vista não era armar os patriotas para combater os alemães, como apregoavam, mas armar os comunistas para estes arrancarem à Inglaterra a chefia da Europa e a entregarem à Rússia. Despojada a Inglaterra da chefia da Europa, facilmente seria arrancada aos anglo-saxões dos dois lados do Atlântico a chefia do mundo.

E, feitas as contas desapassionadamente, qual foi o grande trunfo neste arriscado jogo contra o predomínio anglo-saxão? Incontestavelmente que foi a estupidez dos massos anglo-saxónicos cuja força de opinião foi posta em movimento por manobreadores ocultos na sombra das alforjas!

Quanta razão não teve Sua Santidade na sua luminosa alocução da noite de Natal, ao pôr de sobreaviso o mundo contra o predomínio das massas inconscientes!...

Pacheco de Amorim

A celebração do último centenário de Vieira, em pleno regime monárquico, não foi simpática a opinião liberal, sempre temerosa de que a gente reaccionária faça no passado, pela calada da noite, uma espécie de ressurreição de certos mortos, infensos à memória de Pombal, ao espírito das conferências do Casino e ao socialismo romântico de Fontana.

Só recordo alguns nomes dos bons portugueses — bons em todo o sentido — que constituíram a comissão promotora: Fernando de Sousa, Sousa Monteiro, Fernando Pedroso... Este esquecer de nomes, aliás tão nosso, tão humano, note-se de passagem, está sempre a dizer aos velhos, friamente, ter havido pessoas, que, para eles, como que morreram duas vezes...

Para a presidência da comissão procurou-se naturalmente uma figura de luminoso destaque na política e nas letras, sem extremismos suspeitos e bastante conhecida e considerada em todos os sectores, para que, até sob este aspecto, a comemoração centenária tivesse um cunho acentuadamente nacional.

Houve quem se acobardasse. Por ser muito grande a honra da presidência? Não foi por isso. Para certos homens, que não deixam atrás de si nada de grande, quasi todas as honras são pequenas. Isto para não falar do permanente cuidado que lhes dá a consagração definitiva que os espera no seu primeiro e luzidíssimo centenário...

Como o P.<sup>o</sup> António Vieira, mesmo na língua em que falou e escreveu, andava um tanto ou quanto desavindo com Elias Garcia, Manuel da Arriaga e Teófilo Braga, houve quem tivesse medo de assumir uma atitude

de que poderia chamar sobre si as iras da liberdade, que neste país foi sempre muito coisa dos seus princípios, das suas conquistas e também dos seus interesses.

Não fez o mesmo Tomás Ribeiro, beirão forte e generoso, temperado ainda com alguma coisa daquela bravura indómita, que, nos homens da terra de Viriato, encarecia e exaltava Manuel de Faria e Sousa, depois de seguir atentamente os seus combates na Ásia. Discípulo muito querido de Castilho e de Fontes, amigo íntimo de Camilo, que por vezes lhe escrevia em verso, poeta mais do que nenhum outro lido e amado no seu tempo, escritor ve'náculo, orador sugestivo e brilhante, ministro de estado honorário, antigo embaixador no Brasil, onde também tinha representado Vieira...

Para aceitar a presidência da comissão Tomás Ribeiro não ouviu a voz da opinião liberal, ouviu apenas a voz da consciência. E ouvi-la o mesmo foi que obedecer-lhe, para continuar a ser quem era, para ser igual a si mesmo.

Há afirmações na vida de certos homens, que nos parecem hoje apagadas e banais só porque o tempo foi delindo a nobreza moral, ia quasi a dizer o carácter heróico que tiveram neste ou naquele momento. Ir ao arripio da opinião liberal, senhora de tudo, até dos selos do Estado.

O centenário de Vieira não teve o brilho do centenário de Camões, designadamente em Coimbra, entre a academia acudilhada por João Arroio e Eduardo de Abreu. Também não teve o ruído intolerante do centenário de Pombal, a todos imposto, como mais tarde o monumento, por determinações do governo, mas sem

consequir, mesmo assim, abatar o protesto de Camilo, verdadeiramente imorredouro, como arte e como justiça.

Vieira amou profundamente três coisas que não o deixam esquecer. Amou a nossa pátria na sua expansão missionária e na sua independência, no que ela tem de mais nobre e de mais querido. Amou a nossa língua, que na sua palavra e na sua pena brilha, como brilha, nos grandes dias, o ouro fino da custódia de Belém. E amou a Companhia de Jesus, como a sua segunda mãe. Se ela o lançasse de si, ficaria de fora da porta a carpir-se e a chorar ate que lhe abrissem de novo... Lembra-se?...

Do centenário de Vieira, além da lição própria, que para muitos foi amarga, ficou a lápide que recorda o seu baptismo na Sé catedral de Lisboa.

Ficou também o volume dos *Trechos selectos* com um longo prefácio, erudito e criterioso de José Fernando de Sousa. E ficou ainda a oração comemorativa, feita pelo Arcebispo de Évora, D. Augusto Eduardo Nunes, que ao medir-se com um grande assunto se houve como quem era, revelandó-se mais uma vez grande orador. Está nessas palavras uma verdadeira estátua de Vieira, esculpida por um artista inspirado.

A obra de Vieira foi modeladamente construtiva, e daí o centenário, que não encontrou simpatias nem facilidades na opinião liberal...

Vieira procurou apenas demolir interesses que traficavam com o próprio sangue dos índios e abusos que feriam as instituições e abastardavam os homens.

Correia Pinto

PALAVRAS DE UM MÉDICO (3.ª Série) III POBRES E PORCOS

Quando era novo e tinha saúde, gostava muito de viajar. Como tive sempre espírito observador, entrei em comboios de todas as categorias, desde os aristocráticos *Sud-express* e *Ouro-dó-Reno*, até às modestas terças classes dos comboios ingleses e às quartas classes dos comboios alemães.

Mesmo nestes navios o necessário conforto, e os companheiros de viagem eram sempre limpos e educados. Talvez hoje não seja assim...

Na nossa terra, não foi preciso vir a guerra maldita para fazer de uma carruagem de terceira um verdadeiro monturo.

Certo dia da Primavera do ano passado, meti-me ingénuaamente numa carruagem de terceira classe. Ao chegar à Senhora da Hora, o comboio foi inundado por uma chusma de pobres que vinham da zomaria.

Andrajosos; lazarentos, estropiados, só me causaram piedade. Mas senti verdadeira repugnância com a companhia de dois anafados negociantes novos ricos, marido e mulher, bem enroupados e carregados de jóias e de notas.

Almoçaram no comboio e não tinham a coragem de descrever a imundície em que deixaram tudo — nádoas e esgarros por toda a parte, além de serem portadores de ignóbeis parasitas, que viajavam sem bilhete...

Poucas semanas depois, tive de partir para o Alto-Minho, em tratamento.

Conversando com um venerando Colega que ali faz clínica há muitos anos, ouvi dele a narrativa das condições asquerosas em que vegeta a população de Castro Laboreiro, onde

já tratou duas epidemias de tifo exantemático.

No verão fui, como de costume, passar as férias no Baixo-Minho, onde a imundície é a mesma.

Antigamente, as casas do Minho, por mais humildes que fossem, possuíam um pequeno aposento, a que chamavam «Necessária». Pois esse recanto doméstico quasi desapareceu, e o serviço que se praticava ali faz-se livremente nos caminhos, como se as necessidades higiénicas do homem fossem iguais às do cavalo, do boi e do cão e mais sumárias que as do gato.

Lavrava naquela terra uma epidemia de febre tifóide, e imagine-se como ela alastrou...

O povo português vegeta, em grande parte, em vergonhosa imundície.

A Acção Católica trabalha numa cruzada tendente a cristianizar Portugal, combatendo vigorosamente a descrença espalhada durante dois séculos pelas sociedades secretas.

A obra tão benemérita da Acção Católica é grande, mas não será suficiente.

É preciso levantar outra campanha a favor da limpeza corporal.

Devemos declarar guerra contra a sujidade da alma e contra a sujidade do corpo!

É preciso, ao mesmo tempo, restituir a Fé, que nos fez grandes, e proclamar a necessidade da hygiene. Só deste modo nos distanciamos da maneira de viver dos pretos da África.

Não é só para as Províncias do Ultramar que têm de ir muitos missionários e muitos médicos...

J. A. Pires de Lima

Abrolhos benditos

Em todas as línguas humanas os espinhos e abrolhos simbolizam o mal de que amargamento nos queixamos — o sofrimento físico e moral que rasga a nossa carne e amarfianha a nossa pobre alma.

Espinhos e abrolhos surgiram por toda a parte sob os passos de Maria, ferindo os seus pés virginais, mas não a detiveram no seu firme caminhar. Na senda espinhosa que a Providência lhe destinou e que soube atravessar calma, humilde e forte, a sua coragem admirável transforma-a de lírio branco de pureza em lírio vermelho e sangrento de martírio.

Os abrolhos que feriram seu Filho bendito, feriram-na igualmente no seu coração de Mãe extremosíssima. Em toda a parte sente trespassarem-na os penetrantes e acerados acúleos. É em Belém quando vê o Deus-Menino pobre e a tremer de frio; é na tuga precipitada para o Egito em que o Rei do Céu é obrigado a fugir diante de um insignificante rei da terra; é em Nazaré onde vê o Senhor, Criador e dispensador de todas as riquezas, trabalhar rudemente para ganhar o pão de cada dia.

Mas é sobretudo no Calvário que Maria é a Mãe das dores. Ela vê agonizar no mais horrível suplício, o mais amável, o mais amante, o mais amado dos filhos, «o mais formoso dos filhos dos homens», o mais justo e o mais santo.

Vê cair-lhe o sangue gota a gota de todas as chagas, especialmente da horrível coroa de espinhos que lhe cinge a fronte.

S. Bernardo afirma que a alma de Maria estava pregada na cruz com o corpo de seu Filho, e podemos dizer que o seu coração foi atravessado pelos espinhos que penetravam na cabeça do Salvador. As verdadeiras mães sofrem no seu coração todas as dores de seus filhos. Quanto mais não teria sofrido Maria cujo coração o Senhor formara para amar e sofrer, cuja sensibilidade e ternura é superior à de todas as mães da terra?

Mas apesar do sofrimento infinito

que avassala o seu coração, Maria, no Calvário permanece firme e de pé junto da cruz — «*stabat mater*». E que a ampara a presença e o exemplo de Jesus. A Rainha dos Mártires apoia-se sobre o Rei dos Mártires.

Após a Ascensão, Maria sofre com a ausência de Jesus; sofre ao ver a Igreja nascente perseguida, a cruz desprezada pelos judeus e pagãos. E o que a ampara ainda e ajuda a sofrer estes agudos espinhos com sobrenatural coragem que anima e alenta durante anos os primeiros cristãos, é a presença real, embora invisível, de Jesus na Eucaristia.

Benditos os abrolhos que feriram e fizeram sofrer Maria porque com a sua dor bendita colaborou no resgate e salvação. Por isso Ela mereceu ser chamada a Corredentora do género humano e ser associada à glória infinita de seu Filho.

Benditos os espinhos que o Senhor semeou no nosso caminho e que tantas vezes nos fazem chorar e sangrar, lágrimas que purificam, sangue que redime. Benditos, sim, porque nos associam à Paixão do Divino Mestre e à dor de Maria.

Mas onde buscar a força que nos ajudará a suportá-los sem revolta? Ao exemplo do Mestre e de Maria, nossa Mãe Santíssima e sobretudo à Eucaristia, fonte de toda a força e consolação onde encontramos sempre, embora escondido, o verdadeiro e único Amigo que conhece todas as nossas amarguras e as sabe suavizar.

Almanaque de N.ª S.ª da Fátima

(1945)

Aparece novamente com as suas 164 páginas cheias de utilidades, de mistura com novelas, anedotas, charadas, adivinhas, etc. É indispensável e útil para todos.

Envie já em selos a importância de 1\$30 e receberá um exemplar na volta do correio. A direcção é: «Stella» — Cova da Iria (Fátima).

«VOZ DA FATIMA»

DESPESA

Transporte ... ..	2.805.873\$28
Papel, comp. imp. do n.º 268 ... ..	30.626\$15
Franq. Emb. Transporte do n.º 268 ... ..	6.840\$90
Na Administração ... ..	335\$00
<b>Total ... ..</b>	<b>2.843.675\$33</b>

Esmolas desde 20\$00

- Júlio Botorão, 29\$00; D. Maria Luísa Pimentel, Abridada, 44\$00; José Henriques Garcia, Pórtó, 20\$00; D. Maria Pereira, Viseu, esc. 30\$00; António Simões Júnior, Montagaço, 20\$00; D. Elvira de Carvalho, Lisboa, 50\$00; João Seguro Pinto, Capinha, 20\$00; P.º António M. de Brito Cardoso, Cabo-Verde, 80\$00; Manuel Corte Araujo, Pórtó, 50\$00; D. Celeste Maria de Sousa, Estrada, 50\$00; D. Beatriz Santos, Lisboa, 20\$00; D. Maria Pereira Cunha, Viana-do-Castelo, 20\$00; D. Laura Carolina Legas, Lisboa, 20\$00; António Pereira da Costa, Cinfães, 20\$00; D. Amélia A. C. de Moura, Cinfães, 20\$00; D. Josefina do Vale, Tomar, 20\$00; Viscondessa de S. João, Lisboa, 20\$00; D. Fernanda de Melo Lopes, Pórtó, 50\$; D. Maria Menano Maia, Fornos-de-Algodres, 20\$00; Condessa de Margarida, Guimarães, 20\$00; D. Clotilde B. Calisto, Ilhavo, 50\$00; D. Margarida T. B. de Abreu, Penafiel, 20\$00; Carlos Miranda, Góis, 20\$00; D. Laurinda Marques, Xabregas, 20\$00; D. Maria Almeida, Mirandela, 20\$00; D. Elvira Sousa Gomes, Braga, 20\$00.

Calendário de N.ª S.ª da Fátima

(1945)

Este calendário entrou no sexto ano da sua publicação e constitui um elegante e delicado brinde. Preço de cada exemplar, 1\$00. Pelo correio, 1\$30. Pedidos à Administração da «Stella» — Cova da Iria (Fátima).